

INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA EM ADOLESCENTES SOBREDOTADOS: UMA PROPOSTA DE ORIENTAÇÃO VOCACIONAL

Trabalho desenvolvido na licenciatura em Psicologia
pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal

(2008)

Irma Duarte D. Fumega

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal

Contactos:

irmaduarte@gmail.com

RESUMO

Inteligência, criatividade e motivação superior, mas também extrema sensibilidade são algumas das características das crianças sobredotadas, sendo o equilíbrio entre a família, a escola e os amigos algo fundamental, assim como uma intervenção adequada. Deste modo, o presente artigo surge como tentativa de dar resposta a algumas das necessidades da população sobredotada, apresentando um projecto de intervenção no âmbito da orientação vocacional para estudantes sobredotados em transição do 9º ano para o 10º ano. Inicialmente será apresentada uma contextualização sociológica deste fenómeno, seguindo-se a análise psicológica, enquanto questão vocacional, terminado com as dimensões estruturantes da intervenção dirigida a esta população.

Palavras-chave: Sobredotação, orientação vocacional, intervenção psicológica, necessidades especiais

CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIOLÓGICA

A Sobredotação Enquanto Constructo

A problemática da sobredotação tem vindo a suscitar, ao longo do tempo, uma elevada atenção e interesse, particularmente no que se refere aos aspectos e episódios mais ou menos extraordinários das realizações de sobredotados. A sedução que esses acontecimentos sempre exerceram contribuiu para que se criassem, e fossem generalizadas, ideias fantasiosas e erradas em torno da sobredotação, sem que, no entanto, fosse possível estabelecer uma definição consensual desta ou mesmo estabelecer um modelo de intervenção unanimemente aceite com reconhecida eficácia.

O sobredotado é visto por muitos como alguém que apresenta um desempenho superior em diversas áreas, que tem sempre boas notas nos testes e que, por ter capacidades muito superiores à média, não apresenta quaisquer tipos de dificuldades. No entanto tal não corresponde fidedignamente à realidade, uma vez que estas crianças, embora dotadas de altas e extraordinárias potencialidades, exprimem diversas dificuldades ao longo do desenvolvimento vital, sendo muitas vezes identificadas como alunos problemáticos e crianças com problemas de interrelacionamento.

Segundo Alencar (1986) a sobredotação “é um conceito ou constructo psicológico a ser inferido a partir de uma constelação de traços ou características de uma pessoa” (p. 21), logo, não é directamente observável ou mensurável, o que levanta importantes questões ao nível da sua definição.

Nesta lógica uma ideia comumente difundida é a concepção de que o sobredotado é alguém que alcança altos níveis de desempenho em testes de inteligência, sendo que neste sentido, a definição de sobredotação sofreu algumas mudanças nos últimos tempos, passando a incluir, para além da inteligência elevada, variáveis como a criatividade ou a capacidade de liderança. Estas mudanças conduziram à passagem de uma visão homogénea do grupo dos sobredotados para uma percepção integradamente heterogénea.

Numa perspectiva mais alargada, considera-se a existência de um *continuum* relativamente aos vários tipos de capacidades, sendo considerado como sobredotado qualquer indivíduo que demonstre habilidades significativamente superiores comparativamente a outros membros da sua população (Passow, 1981, *in* Alencar, 1986). Além desta definição, avança-se a proposta de considerar igualmente sobredotados os indivíduos que conseguem desenvolver o seu potencial inato, aproveitando as suas aptidões em toda a sua amplitude (Alencar, 1986). No entanto é de

salientar a existência de várias dificuldades nas tentativas de definição da sobredotação, pelo que está longe a existência de um consenso a este nível.

Segundo Alencar (1986), destacam-se essencialmente cinco problemas relativamente ao conceito de sobredotação. Em primeiro lugar salienta-se o facto de diferentes autores possuírem diferentes concepções de sobredotação, o que se traduz na utilização de diferentes denominações. Outro aspecto consiste na relatividade deste conceito, uma vez que a sobredotação não é algo absoluto. Da mesma forma, um indivíduo sobredotado não é necessariamente talentoso em todas as áreas, podendo destacar-se apenas numa. Por outro lado, as características que definem a excepionalidade são diferentes nas diversas áreas. Por último, considera-se igualmente uma dificuldade, o facto de não estarem criteriosamente definidas as fronteiras entre os indivíduos que se podem considerar sobredotados e não sobredotados, apesar de ao nível psicométrico ser definido por um coeficiente de inteligência superior a 130 (Winner, 2000).

A Sobredotação e a Sociedade

Segundo Barros e Barros (1999) a população de sobredotados estará entre os 3% e os 5%, sendo que a maior parte não é identificada, nem se manifesta, por falta da respectiva identificação e estimulação adequada. São uma minoria privilegiada do meio onde vivem, têm características idênticas entre si e são um grupo homogéneo.

Nos últimos anos tem se vindo a dar mais atenção ao fenómeno da sobredotação, no entanto tal continua a ser alvo das mais diversas carências, nomeadamente ao nível do ensino e de estruturas para a intervenção nestes casos. A insuficiente legislação específica para estes alunos é o principal obstáculo ao seu progresso dentro do sistema educativo actual, sendo que a maior parte dos alunos talentosos acabam por não tirar partido das suas habilidades criativas e intelectuais devido ao facto de estarem condicionados a uma aprendizagem desajustada.

Actualmente, a atenção prestada a este segmento da população tem sido mais evidente, especialmente desde a criação da Associação Nacional para o Estudo e Intervenção na Sobredotação (ANEIS), em Dezembro de 1998, sendo que as escolas superiores de educação e as universidades estão mais atentas a este fenómeno, no quadro das necessidades educativas especiais, sendo também uma crescente preocupação dos profissionais de psicologia. O problema é que estes profissionais entram cada vez com mais dificuldade no sistema legislativo e social, chegando a entrar em conflito com esse mesmo.

Num país como Portugal em que parece haver a urgente necessidade, nos vários níveis profissionais, de pessoas com elevadas capacidades e inteligência, o sistema de ensino tem, forçosamente, de sofrer alterações estruturais de fundo e tornar-se diferente do que tem sido até aos nossos dias. Tem de se tornar mais exigente e selectivo nos graus mais elevados do ensino,

abrindo espaço à criatividade, não permanecendo centrado na promoção de um pensamento convergente. De um modo geral, esta panorâmica social da sobredotação vem reforçar o que se vem a observar nos mais diversos contextos, ou seja, a sobredotação como um assunto ainda *tabu* que não necessita de medidas e acções adequadas para o próprio enquadramento nas sociedades.

A *posteriori* desta sinopse sociológica da sobredotação, fica evidente a necessidade de um investimento no estudo desta área ainda desconhecida para muitos, no sentido de promover intervenções adequadas aos mais diferentes níveis. Uma das vertentes a desenvolver, ao nível psicológico, será a análise da sobredotação como questão vocacional e as suas repercussões neste sentido, como se propõe de seguida.

ANÁLISE PSICOLÓGICA: A SOBREDOTAÇÃO COMO UMA QUESTÃO VOCACIONAL

Segundo Winner (2000), “Psychologists have always been interested in the deviant. As a result we know much more about deviance at the negative than at the positive end of the spectrum. Just as we know more about depression and fear than we do about happiness and courage, we also know far more about retardation and learning problems than we do about giftedness.” (p 159) No entanto, desde 1925, com Terman, o grande impulsionador dos estudos sobre sobredotados, tem-se assistido a um crescente interesse nesta área, sendo que a sobredotação, como fenómeno complexo que é, pode ser abordada psicologicamente sob diversas vertentes, baseando-se em diferentes autores e abrangendo aspectos distintos, sendo que uma delas é a sobredotação como questão vocacional, que contudo se enquadra nas mais diversas perspectivas, uma vez que faz parte integrante e construtiva do desenvolvimento global de cada um, do qual os sobredotados não são excepção.

Caracterização Psicológica da Sobredotação

Bulkoll e Souza (2000) referem a importância de se definir a intensidade, coerência e frequência com que os comportamentos que derivam das características dos sobredotados ocorrem para que se possa caracterizar estes últimos. Assim, consideram que estes indivíduos apresentam facilidade e rapidez de aprendizagem, precocidade geral, gosto por desafios, capacidade apurada de observação, grande espírito crítico, capacidade de liderança, pensamento divergente, original e flexível, vocabulário desenvolvido para a idade e persistência. Senos e Diniz (1998) acrescentam que os sobredotados possuem hábitos de leitura independentes, domínio rápido da informação, facilidade em evocar acontecimentos, procura sistemática de perfeição, aborrecimento face a tarefas repetitivas e rotineiras, interesse e preocupação acerca de problemas mundiais, ideais, ambições e competências sociais elevadas, bem como adaptabilidade a situações novas. Ao nível dos aspectos motivacionais os sobredotados são caracterizados por

uma motivação intrínseca profunda, que conduz a um elevado domínio das suas habilidades e do seu nível energético despendido nessas (Winner, 2000). No entanto, convém salientar que os sobredotados nem sempre manifestam todas as características anteriormente referidas, uma vez que existem diferentes tipos de sobredotação e há aspectos relacionados com a individualidade de cada um, bem como especificidades do meio envolvente.

Por outro lado, Serra (2004) chama a atenção para alguns dos problemas que crianças e jovens sobredotados podem apresentar, nomeadamente, a excessiva atitude crítica tanto em relação a si como em relação aos outros, a obstinação, a vulnerabilidade à rejeição dos colegas, a baixa resistência à frustração, a tendência à fuga para o verbalismo, a oposição a qualquer espécie de orientação, a revolta por pressão dos adultos e a obrigação de se adaptar aos professores. Segundo Barros e Barros (1999) pode-se “assistir a uma dessincronia entre a inteligência e a afectividade” (p 230), assim como dessincronias sociais.

As Influências Contextuais

Como qualquer outro ser humano o sobredotado está inserido em diferentes contextos, sendo alvo de influência desses, nomeadamente do familiar, do escolar e dos pares. Ao nível familiar, esta tem um papel central, sendo que por norma se centra muito na criança em questão, o que não significa que seja a criadora da sobredotação, mas pode ser considerada um dos estímulos. Tipicamente estas crianças crescem no seio de famílias de elevados níveis sócio-económico-culturais, caracterizados por uma elevada estimulação intelectual e artística (Winner, 2000). No que respeita ao desenvolvimento emocional, estas crianças desenvolvem-se melhor num lar onde o afecto, a compreensão e a ternura estejam presentes. Não obstante à facilidade de raciocínio abstracto que possuem, estes não devem ser valorizados apenas pelas suas capacidades intelectuais, exigindo-lhes que reajam com uma maturidade que ainda não desenvolveram. Como crianças e jovens que são devem ter espaço para birras, choros, brincadeiras e dúvidas próprias da idade, assim como as regras devem ser consistentemente estabelecidas, dado o apurado espírito crítico destas crianças (Varandas, 1996). Segundo Serra (2000) “cabe aos pais proporcionarem aos seus filhos experiências de vida significativas, acompanhando as suas descobertas, aproveitando as suas potencialidades e demonstrando confiança nas suas habilidades, com vista à construção de uma identidade pessoal.” (p 25).

Ao nível escolar, um dos maiores pólos de influência e estimulação, se esta tem um papel fundamental no desenvolvimento de todos os alunos, esse papel será de certa forma ampliado no caso dos sobredotados, uma vez que estes possuem necessidades educativas especiais. É na escola que os alunos sobredotados encontram, muitas vezes, os estímulos que tanto reclamam face à sua (quase inesgotável) curiosidade. No entanto, este pode também ser um espaço frustrante e desadequado, caso as suas necessidades não sejam atendidas.

A importância do grupo de pares para as crianças e adolescentes está amplamente reconhecida e documentada. É em interação com os outros, seus semelhantes, que as crianças desenvolvem competências de sociabilidade, adquirem sentimentos de pertença, formam opiniões, obtêm segurança emocional, desenvolvem o autoconceito. No entanto, “quanto mais talentosa é a criança, mais dificuldade vai ter em encontrar companheiros/amigos adequados e, por isso, muitas vezes refugia-se no papel de mero observador.” (Varandas, 1996, p 7). Vários autores partilham esta opinião, chegando mesmo a afirmar que “as crianças que manifestam uma aptidão excepcionalmente elevada, em qualquer área, enfrentam determinados tipos de problemas sociais e emocionais, pelo simples facto de não se encontrarem ao mesmo nível dos colegas.” (Winner, 1999, p 233). Daí se depreende a necessidade que estas crianças demonstram, tantas vezes, em procurar parceiros de interação mais velhos ou igualmente sobredotados. Na verdade, estas crianças tendem a procurar relações com pares equivalentes não em idade cronológica, como a maioria, mas sim em idade mental (Winner, 1999). Todavia, salienta-se que os problemas sociais que muitas vezes caracterizam estas crianças podem não ser uma consequência imediata da sobredotação, estando também dependentes de outras variáveis, inerentes tanto à própria criança como ao meio envolvente. Facilmente se percebe que se a criança estiver inserida num meio adverso, certamente o desenvolvimento social será penalizado, da mesma forma que, estando inserida, por exemplo, num programa de enriquecimento com outras crianças igualmente semelhantes, o desenvolvimento e criação de laços de amizade será favorecido.

Necessidades de Intervenção

As necessidades de intervenção desta população-alvo são diversas e vão de encontro às dificuldades com as quais os sobredotados de confrontam, supramencionadas. Tendo em conta essas dificuldades, salienta-se ainda, ao nível psicológico, a necessidade de promover um sentimento global de sucesso em ambientes intelectualmente estimulantes, assim como proporcionar um suporte emocional adequado, nomeadamente para a frustração. A vida social e emocional dos sobredotados não pode ser considerada como totalmente desajustada e emocionalmente turbulenta, no entanto em muitos domínios estas crianças tendem a ser bastante introvertidas, passando mais tempo sozinhas, tirando mais estimulação de si mesmos do que através dos outros (Csikszentmihalyi et al., 1993, *in* Winner, 2000), o que se pode repercutir num crescente isolamento social, e por tal é importante ajudar os sobredotados a perceber o efeito das suas atitudes e comportamentos, estimular a sua integração em grupos, bem como definir regras claras de conduta. Cognitivamente os sobredotados necessitam de um ensino individualizado que lhes permita aprofundar os conhecimentos específicos pelos quais demonstram interesse, flexibilizando-se os programas e respeitando os seus ritmos de aprendizagem. De um modo geral, existe a necessidade de intervir na felicidade e na saúde mental dos estudantes sobredotados, sendo que uma das intervenções que poderá contribuir para tal será a do âmbito da orientação

vocacional, uma vez que de uma forma especial, mas não muito distanciada da norma, estas crianças sentem dificuldades nas diferentes etapas de transições académicas.

Intervenção Psicológica

Perante as necessidades especiais que a sobredotação pressupõe, foram sendo desenvolvidas intervenções integradas, principalmente no contexto escolar, que se traduzem em programas, como os de aceleração, segregação e enriquecimento. Destaca-se os programas de enriquecimento como os mais eficazes, dado que atende às especificidades de cada sobredotado, salientando-se o Modelo de Enriquecimento Escolar de Renzulli. Este modelo é, nas palavras dos autores, Renzulli e Fleith (2002), “ um plano destinado a identificar altos níveis de potencial nas habilidades, interesses e estilos de aprendizagem dos alunos, e a promover uma diversidade de oportunidades, de recursos e de estimulação de tais potencialidades.” (p 7). Estes modelos são compostos por diversos pontos que vão desde a realização de actividades exploratórias que suscitam o interesse dos alunos face a tópicos extracurriculares, passando por actividades de treino de grupo que recorrem a materiais, métodos e técnicas institucionais que exigem níveis superiores de entendimento, como resolução criativa de problemas e pensamento crítico, até ao envolvimento em investigações de problemas reais em pequenos grupos ou individualmente, possibilitando aos alunos que investiguem um problema específico usando para tal métodos apropriados de pesquisa.

Para além dos programas de enriquecimento que podem ser desenvolvidos pelas instituições escolares, podem ser desenvolvidos também programas de férias de verão para esta população, como se tem observado em diversos países, sendo que se destaca o Deutsche Schüler-Akademie (Neber & Kurt, 2002), desenvolvido para alunos sobredotados do ensino secundário, de forma a completar a educação regular desenvolvida para esta população-alvo. Salienta-se ainda que cada vez mais se tem promovido a cooperação e integração da família e dos pares neste tipo de programa, desenvolvendo ateliers temáticos, nos quais esses e os sobredotados podem realizar actividades exploratórias, estando subjacente a promoção de um desenvolvimento psicológico, emocional e social integradamente adequado.

Orientação Vocacional na Sobredotação

“Ao mesmo tempo que o sujeito explora e, mais tarde, decide, ele clarifica o conhecimento que tem de si mesmo e do meio ambiente, especifica as suas intenções de futuro e as condições da sua realização.” (Guichard & Huteau, 2001, p 121), sendo que tal é um dos objectivos últimos da orientação vocacional e que sem excepção pode integrar um dos objectivos da orientação vocacional na sobredotação. As problemáticas da sobredotação convertidas em necessidades de cariz vocacional, agrupam-se em dois grandes grupos, nomeadamente a carência do

desenvolvimento intelectual, social e de capacidades emocionais, e as multipotencialidades destas crianças, dada a habilidade para seleccionar e desenvolver um elevado número de objectivos académicos. Sendo que perante ambos os grupos surgem necessidades especiais, dada as transições com as quais os estudantes se confrontam nas diferentes etapas académicas (Kerr & Erb, 1991).

Segundo Kerr e Erb (1991), os estudantes sobredotados têm múltiplos interesses e elevado envolvimento numa vasta panóplia de actividades extracurriculares, o que por vezes pode acarretar uma difusão da identidade. Tendo em conta toda a análise psicológica realizada *a priori* e sendo que a actual intervenção psicológica tem descorado esta dificuldade/necessidade e sendo que a estabilidade da identidade é condição indispensável para o desenvolvimento ajustado dos sobredotados, integrado nos actuais programas interventivos, seria promotor do desenvolvimento uma intervenção ao nível vocacional, para que esta dificuldade não se torne num problema de segregação dos próprios sobredotados. Neste tipo de intervenção Kerr e Erb (1991) sugerem que a orientação vocacional em sobredotados deve focalizar-se essencialmente nos valores, mais do que nos interesses ou competências, para que esses sejam realmente ajudados, o que já tinha sido reforçado por Super (1970, *in* Guichard & Huteau, 2001), “Os valores são mais fundamentais que os interesses, porque os valores indica qualidades procuradas ou fins, enquanto que os interesses denotam actividades ou objectivos nos quais os valores são procurados.” (p 182). No entanto as restantes áreas, não devem ser descoradas, uma vez que os sobredotados que exploram informação específica sobre os seus interesses e necessidades têm um forte senso de confiança na sua identidade.

Especificada a pertinência da necessidade de uma intervenção de orientação vocacional em sobredotados, na secção seguinte segue-se as dimensões estruturantes de uma possível intervenção a realizar com estudantes sobredotados no sentido de ultrapassar as dificuldades sentidas por esses perante as suas multipotencialidades, integrando construtivamente as intervenções educativas e os contextos de influência e promovendo, como objectivo último, a maturidade e desenvolvimento vocacional.

DIMENSÕES ESTRUTURANTES DA INTERVENÇÃO

O objectivo desta intervenção é o de promover a exploração e investimento face à transição académica do 9º ano para o 10º ano, promovendo consequentemente o crescimento pessoal através do crescimento vocacional, tendo em conta as necessidades e potencialidades da população-alvo e a construção da identidade. Deste modo, os alvos de intervenção são adolescentes sobredotados, de ambos os sexos, entre os 13 e os 15 anos a frequentar o 9º ano de escolaridade, podendo estar integrados ou não em programas de intervenção psicológica, como os de enriquecimento.

Esta proposta assenta em estratégias de intervenção directa e poderá ser utilizada individualmente ou em grupo, fazendo as adaptações necessárias a cada situação, sendo que a opção entre ambas as modalidades pode ser definida pela integração destes adolescentes nos programas de enriquecimento, na qual se preferirá a modalidade individual, dado que as oportunidades de discussão e de partilha de experiências será realizada nesses grupos. Salienta-se ainda que a modalidade grupal poderá ter alguns entraves, caso haja diferença entre as áreas de sobredotação de cada elemento, contudo é promotora da interacção social que por si só já é um objectivo da intervenção.

O número de consultas/sessões deverá ser variável, de acordo com o cliente/grupo, tendo o cuidado de não tentar precipitar mudanças para as quais este(s) não se encontra(m) ainda preparado(s). Salienta-se a possível necessidade de intervenção no âmbito da orientação vocacional noutras etapas da vida desta população, dada a recursividade das suas dificuldades vs. potencialidades múltiplas.

Como primeiro alicerce a esta intervenção está o estabelecimento de uma relação segura de confiança com o cliente e esclarecimento do contrato da intervenção, uma vez que a construção de um contexto empaticamente seguro de aceitação incondicional será a base para a continuação do processo de intervenção, sendo que esta relação deverá ser construída ao longo de todo o processo, evitando a dependência do cliente face à mesma. Como em qualquer intervenção, é indispensável a negociação e o estabelecimento de um contrato de intervenção, pela definição de aspectos mais formais e funcionais, estabelecendo um compromisso mútuo. A par de tal será pertinente a avaliação de necessidades dada a especificidade que cada cliente/grupo apresenta, de modo a ajustar esta mesma intervenção.

Ao longo da intervenção será igualmente importante o apoio emocional face às dificuldades experienciadas pelo cliente, nomeadamente ao nível das interacções interpessoais e para com as tão frequentes experiências de frustração, promovendo a motivação no geral e a auto-estima especificamente, no sentido de ajudar o cliente a lidar com estas situações ao longo do tempo, sendo que este apoio deverá ser permanente ao longo de toda a intervenção, embora predominando nesta fase inicial.

Num momento seguinte dever-se-á proceder à exploração de 'mitos', isto é, de representações acerca da natureza e especificidade de um processo de consulta psicológica de orientação vocacional, assim como de representações sobre a própria sobredotação. Ao nível das representações sobre o processo importa clarificar as expectativas do cliente face ao processo assim como o seu papel activo. Ao nível das representações, muitas instituídas pela própria sociedade, será pertinente a exploração dessas, uma vez que deve ser explorada a forma como o adolescente se integra nesta mesma sociedade, nomeadamente ao nível académico. O psicólogo deverá estar atento às suas verbalizações, de forma a explorar as suas crenças e sentimentos e a identificar e desconstruir as assunções incorrectas que forem abordadas, explícita ou

implicitamente. Esta exploração das representações poderá ser traduzida pelo início da construção de um portfólio do processo que integrará todas as etapas, do mesmo, experienciadas pelo cliente.

Dada as especificidades contextuais que rodeiam ou deveriam rodear estes adolescentes sobredotados, seria pertinente a exploração diacrónica e sincrónica das influências ecológicas, dado que a exploração dos diversos contextos de vida através de uma entrevista semi-estruturada permite-nos aceder a informações relevantes relativamente à influência destes contextos no desenvolvimento vocacional e pessoal do cliente. Através de uma reflexão conjunta e de conflitos cognitivos com o cliente, seria possível promover igualmente uma visão crítica relativamente à influência desses na sua vida e especificamente no seu percurso académico.

Num momento seguinte e de extrema pertinência, dado as bases teóricas suprarreferidas, dever-se-á passar para a exploração de valores. A exploração informal e formal dos valores vocacionais remete para a importância dos mesmos no processo de orientação vocacional, na medida que direccionam o investimento do cliente nos objectivos traçados. Por conseguinte é importante explorar e identificar conjuntamente com o cliente os seus valores vocacionais, hierarquiza-los e promover a sua integração como forma de organizar as suas necessidades, interesses e competências para com o seu projecto vocacional, guiando-o para a acção (Kerr & Erb, 1991). Nesta exploração, o uso de instrumentos e/ou inventários deverá ser feito com precaução, uma vez que a maioria foram concebidos para sobredotados, mas não se encontram adaptados à população em questão. Como alternativa, esta etapa pode ser realizável através de colocação de dilemas/situações hipotéticas, mas principalmente reais (e.g., temas da actualidade como economia), sendo que será igualmente integrada no portfólio do processo que o cliente vai construindo mediante cada momento de intervenção.

Numa linha paralela, tendo em conta a transição académica de escolhas da passagem do 9º ano para o 10º ano, e como momento seguinte dever-se-á proceder à exploração informal e formal dos interesses vocacionais, ou seja, a forma como se substanciam os valores anteriormente explorados e hierarquizados. O conceito de modelos internos dinâmicos é nesta etapa essencial, pois é através destes que podemos identificar as categorias de interesses pessoais do cliente nos seus investimentos. Dada a adequada exploração anterior dos valores a exploração dos interesses, que tendem a ser múltiplos, será facilitada, promovendo a distinção entre os interesses vocacionais ou profissionais e os interesses pessoais. A aplicação do *Vocational Preference Inventory* (Holland, 1985, in Kerr & Erb, 1991) nestes casos parece ser o instrumento mais adequado à intervenção, pois permite ao cliente a discussão detalhada de diversos interesses, alargando o seu conhecimento acerca desses e promovendo a sua circunscrição ao nível académico (Gottfredson, 1996, in Guichard & Huteau, 2001). Interrelacionado com esta temática está a exploração das competências subjacentes a estes interesses e das competências pessoais do cliente. Tendo em conta a população-alvo da intervenção as competências pessoais puderam ser sobrevalorizadas em detrimento das inerentes aos interesses seleccionados, o que

poderá levar a um ‘fosso’ entre a desejabilidade e a probabilidade, sendo que para evitar tal dever-se-á realizar uma integração entre os valores, interesses e competências, que poderá ser levado a cabo recorrendo ao portfólio gradualmente construído pelo cliente, promovendo uma reflexão integrativa.

De pertinência elevada será a adequada exploração do sistema de oportunidades de formação, dada a transição académica em questão e as especificidades/necessidades da população sobredotada em contínua descoberta e clarificação do mundo que os rodeia. Sendo que o principal objectivo será a descodificação das estruturas de educação, subjacentes aos diferentes tipos de formação e trabalho. Esta exploração poderá ser realizável através de meios tecnológicos, como a exploração de sites adequados à temática.

Como momento final estará a projecção no futuro, assim como a integração do processo com algumas especificidades. Para realizar esta projecção e integração será de mais valia o portfólio construído permitindo ao cliente que complete a intervenção, sendo que se deve tentar aceder aos significados que o processo teve para o sujeito, tentando perceber o que mudou no cliente que poderá ser atribuível à sua participação na intervenção e a avaliação que faz do mesmo. O psicólogo deverá dar o seu *feedback*, salientando os ganhos obtidos com a intervenção. Dadas as especificidades dos sobredotados para com a excessiva atitude crítica tanto em relação a si como em relação aos outros, a obstinação e a vulnerabilidade à rejeição dos colegas, nesta projecção e integração importa fazer o balanço das competências sociais e do apoio emocional prestado ao longo dos diferentes momentos de intervenção, promovendo a sua autonomia e auto-responsabilização, assim como o *coping* para a mudança (Herr, Cramer & Niles, 2004). Uma vez que ao longo do processo poderá ter sido criada alguma dependência face à intervenção, será importante que o psicólogo, para facilitar o ‘luto’ da intervenção, na sumariação de finalização construa uma metáfora relativa à prossecução de um caminho sem a sua ajuda, esclarecendo que o processo de exploração do domínio vocacional não termina com o final do processo, mas é antes um *continuum* ao longo das diversas transições de vida que o cliente poderá realizar (Watts, Law, Killeen, Kidd, & Hawthorn, 1996).

CONCLUSÃO

As crianças particularmente dotadas possuem necessidades educativas próprias e específicas. Por isso, devem ser diferenciadas, o que implica individualização, mas não isolamento. Com desempenhos excepcionais e ímpares, numa ou várias áreas, há a necessidade de os apoiar no desenvolvimento dessas capacidades. Se não se desenvolve a criança, esta ficará debilitada, não se podendo depois fazer correcções no caminho já percorrido.

A intervenção neste fenómeno, nomeadamente ao nível vocacional, tem sido escassa e por vezes desadequada e por tal a quase ausência de bibliografia dirigida. No entanto, observa-se a necessidade e importância de intervir nesta área, principalmente se houver uma integração da orientação vocacional em programas de enriquecimento.

Como complemento a este tipo de intervenção seria bastante pertinente a realização de uma intervenção de orientação vocacional com os pais dos estudantes sobredotados, trabalhando as diversas dificuldades/necessidades que a sua parentalidade acarreta.

Dada a constante mudança da sociedade sente-se a necessidade de uma revisão constante deste tipo de intervenções, assim como a sua adaptação aos contextos nos quais são desenvolvidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alencar, E. (1986). *Psicologia e Educação do Superdotado*. S. Paulo: E.P.U.
- Barros de Oliveira, J.H. & Barros Oliveira, A.M. (1999). *Psicologia da Educação Escolar I: Aluno – Aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Bohoslavsky, R. (1979). *Orientação Vocacional. A estratégia clínica*. São Paulo: Martins Fontes Editora.
- Brown, D. & Brooks, L. (1991). *Career counseling techniques*. Boston: Ed. Allyn and Bacon.
- Bulkool, M. & Souza, C. (2000) Os portadores de altas habilidades: A importância da família. In Mettrau, M. *Inteligência: Património social* (p. 55-65). Rio de Janeiro: Dunya Ed.
- Guichard, J. & Huteau, M. (2001). *Psicologia da orientação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Herr, E. L., Cramer, S. H. & Niles, S. G. (2004). *Career guidance and counselling through the lifespan: systematic approaches* (6th Ed.). Boston: Pearson Education, Inc.
- Kerr, B. & Erb, C. (1991). Career counselling with academically talented students: effects of a value-based intervention. *Journal of Counseling Psychology*, 3, 309-314.
- Neber, H. & Kurt, A. H. (2002). Evaluation of a summer-school program for highly gifted secondary-school students: the german pupils academy. *European Journal of Psychological Assessment*, 3, 214-228.
- Renzulli, J. & Fleith, D. (2002). O modelo de enriquecimento escolar. *Sobredotação*, 3 (2), 7-40.
- Senos, J. & Diniz, T. (1998). *Crianças e jovens sobredotados: Intervenção educativa no ensino básico*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação
- Serra, H. (2004). *A criança sobredotada: Compreender para apoiar, um guia para pais*. Gailivro.

Varandas, M. (1996). Os sobredotados. *Boletim APEPICTA*, 0, 7-8

Watts, A. G., Law, B., Killeen, J., Kidd, J. M. & Hawthorn, R. (1996). *Rethinking careers education and guidance: theory, policy and practice*. London: Routledge.

Weinrach, S. G. (1979). *Career counselling: theoretical and practical perspectives*. New York: McGraw-Hill.

Winner, E. (1999). *Crianças sobredotadas: Mitos e realidades*. Lisboa: Instituto Piaget Editora.

Winner, E. (2000). The origins and ends of giftedness. *American Psychologist*, 1, 159-169.

Zimmerman, B. J. & Martinez-Pons M. (1990). Student differences in self-regulated learning: relating grade, sex and giftedness to self-efficacy and strategy use. *Journal of Educational Psychology*, 1, 51-59.

Zunker, V. (1998). *Carer counselling: applied concepts of life planning*. (5th Ed.). New York: International Thomson Publishing.